

Meirelles descarta risco eleitoral

Para presidente do BC, mudanças no governo não trarão impacto negativo no crescimento econômico

SÃO PAULO – O presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, demonstrou ontem que não se sente preocupado com o impacto da crise política e as mudanças na equipe do governo Lula nos resultados da economia brasileira. Em evento em São Paulo, descartou a possibilidade de o processo eleitoral deste ano provocar turbulências no mercado financeiro como ocorreu em 2002.

– Hoje nós temos outra estrutura na economia do país e condições de realizarmos uma discussão em outros termos.

Meirelles foi convidado a falar a empresários sobre o Brasil como plataforma para o crescimento e a competitividade, na Câmara de Comércio França-Brasil. Segundo ele, a principal discussão refere-se ao caminho para que o país cresça a taxas mais elevadas, e não mais a prevenção contra crises.

Apesar de reconhecer que o país cresce a taxas reduzidas, afirma que a expansão ocorre de forma sólida, puxada pelo emprego e a renda.

– À medida que saímos de crises periódicas, teremos con-

dições de discutir um crescimento a faixas elevadas.

Meirelles, porém, não relacionou baixo crescimento à política monetária, conduzida pelo BC, de manutenção da taxa de juros em nível elevado para controlar a inflação. O aperto é apontado por especialistas como a principal razão para a reduzida expansão da economia em níveis abaixo da média mundial nos últimos anos. Embora admita que a Selic seja alta, fez questão de ressaltar que a taxa vem caindo.

– A trajetória está cadente.

Esse é o caminho para que o juro brasileiro possa cair no médio e longo prazos, persistindo na política econômica que está dando resultados concretos e positivos.

Meirelles ressaltou que a taxa básica recuou de 21,4% ao ano, entre 1997 e 1999, para 15,2%, entre 2000 a 2003, e 11,4% entre 2004 e 2005.

Perguntado se o Brasil está condenado a ter taxas de juros reais acima de 10% por muito tempo, Meirelles afirmou apenas que o Banco Central não faz previsões sobre juros e câmbio.

Disse que, se forem mantidos fatores como a convergência da inflação para metas, a tendência no longo prazo será de taxas de juros decrescentes.

O presidente do Banco Central citou ainda dados sobre a queda 10% da relação dívida sobre Produto Interno Bruto (PIB), de fevereiro de 2002 a setembro de 2003, encerrando o segundo mês desse ano em 51,7%. E falou, ainda, que a redução da inflação de 12,5% em 2002 para 4,5% este ano mostra a consistência da política monetária.